

PELA UNIFICAÇÃO DAS LUTAS NO BRASIL E NO MUNDO

Nº48 - JUNHO/2022

Diversas lutas se espalharam pelo Brasil

Diante do aprofundamento da crise econômica e social, desde o início de 2022 diversas lutas se espalham pelo Brasil. Entre elas, as greves dos servidores do Ministério do Trabalho e Previdência (MTP), do INSS, da Educação, dos garis do Rio de Janeiro, metalúrgicos de Volta Redonda e de São José dos Campos/Jacareí, em São Paulo, mobilizações dos povos indígenas e quilombolas, movimentos sem-terra e sem teto.

As lutas ocorrem num contexto em que, o governo de Bolsonaro, Mourão e Guedes – não bastasse a gestão desastrosa na pandemia – não

dá um dia sequer de trégua nos inúmeros ataques aos trabalhadores. É impossível não sentir os efeitos da sua política econômica: está tudo caro, a inflação está batendo recorde, os salários estão defasados, aumentou o desemprego, a precarização do trabalho, a exploração, a desigualdade social, a miséria e a fome.

Os trabalhadores reagem! Cruzam os braços nos locais de trabalho, vão às ruas e protestam por melhores condições de vida e de trabalho, em defesa dos serviços públicos, por empregos, direitos, moradia, terra e território, contra os ataques de grileiros, latifundiários do agronegócio e dos governos.



A greve dos servidores do Ministério do Trabalho e Previdência

Servidoras e servidores do Ministério do Trabalho e Previdência (MTP) entraram em greve entre 01/04 e 26/05, reivindicando a reposição salarial emergencial de 19,99% (pauta unificada do funcionalismo público federal) e também tratou de uma pauta de reivindicações específicas do setor: equiparação salarial imediata com a tabela dos servidores do INSS, com

a concessão de Plano de Carreira; jornada de 30h para todos; condições de trabalho; concursos públicos para todos os níveis; gratificação/indenização para cobrir gastos pelo teletrabalho, tais como: internet, energia elétrica, materiais, equipamentos, dentre outros (compensação pelo custo de manutenção em substituição à estrutura do Estado); e abertura de debates com o MTP sobre a regula-



mentação da Portaria Conjunta SE/SPREV/STRAB/MTP Nº 1, de 10 de março de 2022 (trabalho remoto).

A greve, iniciada em abril, deu prosseguimento às mobilizações da categoria, que durante o mês de março realizou paralisações nos dias 16, 23, 28 a 31, com objetivo de pressionar o governo para abertura de negociação.

O movimento paredista conseguiu quebrar a intransigência do governo. Assim como a categoria da Seguridade Social, compreendendo servidores do INSS e MTP lotados nesse setor, depois de muita resistência e pressão por parte dos grevistas, as entidades representativas e a comissão nacional de negociação conseguiram abrir diálogo sobre a pauta.

CAMPANHA SALARIAL UNIFICADA 2022



A campanha salarial unificada do funcionalismo começou em janeiro de 2022 com a perspectiva do processo de construção de greve desde que o governo Bolsonaro propôs reajuste salarial exclusivamente para as carreiras das forças de segurança federais no Orçamento para o ano.

Naquele período, os servidores já amargavam quase 30% de perdas salariais. Aqueles que tiveram acordos assinados com o governo Temer, em 2015, receberam a última parcela em janeiro de 2017. Passados 3 anos de governo Bolsonaro, não houve nenhuma reposição salarial relativa

à inflação, que só aumenta.

Desde o lançamento da campanha unificada, os servidores e servidoras tiveram várias assembleias setoriais, em cada órgão, trazendo suas demandas específicas para a luta geral.

Se os reajustes ou conquistas dos trabalhadores só foram possíveis com muita luta, em 2022 não seria diferente. Além de diversas assembleias de auto-organização, o funcionalismo realizou atos públicos, caravanas, twittaços, abaixo-assinados, entre outras ações de mobilização.

“... Onde o rico cada vez fica mais rico E o pobre cada vez fica mais pobre”

Em entrevista concedida ao Sindsef-SP, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos (Sindmetal SJC), Weller Gonçalves, avalia: “O nosso país vive um processo de desindustrialização muito forte e isso é muito preocupante. Um país tão grande e continental como o nosso, se for depender apenas de exportação de commodities, isso não vai sustentar a economia”.

Grandes empresas têm fechado as portas no Brasil, a exemplo da Ford, LG, Sun Tech, BlueTech e 3C. Houve, ainda, a tentativa de venda da Embraer para a Boeing e, recentemente, o anúncio de fechamento da Caoa Chery. Há crises na Avibras, MWL e Johnson & Johnson. A saída das grandes fábricas culmina no fechamento de empresas de pequeno e médio porte.

O resultado dessa política econômica se traduz em dados negativos



para o povo brasileiro. O número de pessoas sem trabalho, formal ou informal, passou de 47 milhões, em 2019, para 58,8 milhões de trabalhadores, em 2020, segundo o Ilase (Instituto Latino-Americano de Estudo Socioeconômicos). Outros 33,3 milhões estavam em subempregos, ou seja, em trabalhos informais e precários. No auge da pandemia, o Brasil ganhou 40 novos bilionários. Os 1% mais ricos possuem 50% da riqueza nacional.

A realidade dos servidores não está isolada

Frente à essa realidade, o crescimento das greves pelo país é positivo. A greve dos garis do Rio de Janeiro, realizada em abril durante 11 dias, mostrou o quanto esses trabalhadores são valiosos e essenciais para a cidade. Foi o pontapé para outras lutas.

Os trabalhadores do INSS encerraram a greve que durou dois meses e retornaram ao atendimento nas unidades no dia 23 de maio. Foram 62 dias de mobilização e luta dos trabalhadores do Seguro Social que ficaram para história da categoria.

Desde o início do ano, professores estaduais e municipais fazem greves por todo o país. Também no setor da educação, os servidores da educação pública, não docentes, do Pará fize-



Foto: VRAbandonada

ram um forte movimento paredista em março.

Na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), uma das empresas privatizadas nos anos 90, os trabalhadores travam dura luta contra a patronal.

A mobilização ultrapassa um mês, enfrentando a intransigência da CSN, que demitiu mais de 100 trabalhado-

res incluindo entre eles toda a comissão de negociação eleita pela base. A luta seguiu mesmo após as demissões. A proposta patronal e da direção pelega do sindicato, que é dirigida pela Força Sindical, foi rejeitada.

No início de maio, a Justiça determinou a reintegração imediata dos 9 membros da comissão de negociação

da categoria. Com a vitória, as operárias e os operários da CSN deram continuidade ao movimento.

Os metalúrgicos da Avibras, Chaoa Cherry e MWL também estão em fortes processos de mobilização pela manutenção de seus empregos, por salários pagos em dia, por reajuste e benefícios trabalhistas.

METALÚRGICOS

1 - AVIBRAS

A Avibras Indústria Aeroespacial é uma empresa brasileira que projeta, desenvolve e fabrica produtos e serviços de defesa. A empresa demitiu 30% dos trabalhadores da fábrica, um total de 420 pessoas, que reagiram com um movimento histórico durante 31 dias de greve, com passeatas e manifestações, em março.

Fruto da mobilização, as demissões foram canceladas pela Justiça via liminar. A empresa e o sindicato discutiram um processo de lay-off - a suspensão do contrato de trabalho, por 5 meses, com 3 meses de garantia de estabilidade no emprego no retorno. Com isso, as demissões foram evitadas até o final do ano de 2022.

Paralelamente, o Sindmetal SJC está em campanha pela estatização da Avibras sob o controle dos trabalhadores. O sindicato entende que a empresa do setor de defesa, que entrou com pedido de recuperação judicial pela 3ª vez, é estratégica para o Brasil.

Pouco mais de um mês depois da luta em defesa dos empregos, que continua, os trabalhadores realizaram

uma greve de 24h, no dia 02/05, em protesto contra os atrasos salariais.

2 - CAO A CHERY

A montadora chegou na região do Vale do Paraíba em 2011 com a promessa da geração de 4000 postos de trabalho. Em razão dessa promessa, a Chery recebeu bilhões de incentivos fiscais, tanto da Prefeitura de Jacareí, quanto do Governo do Estado de São Paulo.

O Poder Público também investiu em obras no entorno da planta, porque o empreendimento também traria nacionalização da produção, atraindo outras fábricas, como as empresas de autopeças.

Três dias após a árdua luta dos metalúrgicos da Avibras, o grupo Caoa Chery anunciou a decisão de demitir 485 funcionários e manter a fábrica do município fechada por três anos. De imediato, foi iniciada uma forte mobilização. *“Inclusive, o que aconteceu na Avibras serviu como impulso para esses trabalhadores da Caoa Chery”*, destacou Weller Gonçalves, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos (Sindmetal SJC).



Foto: Roosevelt Cássio

Os trabalhadores da unidade estão dando exemplo de resistência em defesa do emprego. Eles seguem realizando protestos para tentar reverter a medida.

Weller ressalta que o dinheiro que essas fábricas receberam em incentivos fiscais é o mesmo dinheiro que faltou para investimentos em serviços públicos e programas sociais. *“É dinheiro do povo aqui da região, ou seja, faltou remédio no posto de saúde, faltou dinheiro para construir moradias populares, faltou dinheiro para dar aumento para os professores”*, afirmou.

O grupo chinês demitiu os trabalhadores via telegrama no dia 25 de maio, apesar de haver uma negocia-

ção em curso, mediada pelo Ministério Público do Trabalho (MPT), entre o sindicato e a montadora.

O presidente do Sindmetal SJC fez um chamado: *“Nós chamamos todos os sindicatos, as centrais sindicais, as organizações de esquerda do nosso país para se somar nessa luta. Essa luta tem que ser uma luta nacional contra o fechamento da montadora Caoa Chery!”*.

3 - MWL

A fábrica chinesa MWL, localizada no município de Caçapava, produz rodas e eixos de trem. Nos últimos 7 meses, a empresa atrasou os salários dos trabalhadores que, no dia 05/05, entraram em greve por tempo indeterminado.

Não há fronteiras para as lutas no mundo

As lutas dos trabalhadores brasileiros também são as lutas dos trabalhadores do resto do mundo. Afinal, a classe trabalhadora é uma só classe, ainda que formada por inúmeras categorias, de diferentes segmentos. Isso foi reafirmado no 4º Encontro da Rede Sindical Internacional de Solidariedade e Lutas, realizado nos dias 21 a 24 de abril, na cidade de Dijon, na França.



“O mês de abril foi um mês bem movimentado do ponto de vista internacional da nossa Central e que entra para a história do sindicalismo internacional”, conta Herbert Claros, membro da Secretaria Executiva Nacional (SEM) da CSP-Conlutas e do setor internacional da central sindical. Ocorreram duas grandes atividades que marcaram o período, a primeira delas foi o encontro, e a segunda, um comboio de apoio à resistência ucraniana.

A Rede Sindical Internacional de Solidariedade e Lutas reúne diversas organizações sindicais no mundo, entre elas, a CSP-Conlutas, visando a troca de experiências e a coordenação de lutas comuns internacionais.

O 4º Encontro foi importante para

consolidar a Rede. Contou com mais de 200 pessoas de organizações de vários países dos continentes americano, africano, asiático e europeu. A CSP-Conlutas esteve com uma grande delegação formada por 32 trabalhadores e trabalhadoras.

Os participantes debateram planos e campanhas internacionais, como em defesa do povo palestino e a solidariedade ao povo da Ucrânia, além do apoio às lutas locais que acontecem nos países, a exemplo das greves por empregos dos trabalhadores da CSN e da Caoa Chery, e questões específicas.

Para Herbert Claros, que também é da diretoria-geral do Sindmetal SJC, o ponto forte do encontro foi a consolidação e aprovação de uma moção



em relação ao conflito na Ucrânia. A Rede Sindical Internacional de Solidariedade e Lutas se posiciona totalmente contrária à agressão russa.

A compreensão da Rede Sindical Internacional é que a derrota das forças armadas russas e de Putin serve de exemplo para mostrar que se deve respeitar a soberania dos países. *“Quem deve decidir sobre o seu país são os próprios trabalhadores do seu próprio país, sem nenhuma necessidade de intervenção”*, defendeu Herbert.



COMBOIO DE APOIO À RESISTÊNCIA UCRANIANA

As discussões do 4º Encontro da Rede Sindical Internacional de Solidariedade e Lutas foram consolidadas com o envio de um comboio de apoio à resistência ucraniana composto pela CSP-Conlutas e organizações da Áustria, França, Itália, Lituânia e Polônia, acompanhadas por resistentes da região.

No final de semana seguinte ao encontro, o comboio partiu de Dijon, na França, até a Polônia, país que recebe mais da metade dos refugiados.



O grupo de sindicalistas e ativistas foi à Lviv, a cidade ucraniana mais próxima da fronteira da Polônia.

Diversos sindicatos brasileiros e de outros países enviaram recursos

para a aquisição de itens de emergência como remédios, kits de primeiros socorros, comidas secas, alimentos prontos para bebês, baterias e geradores. Os mantimentos foram comprados a partir das orientações da organização operária de resistência de Kryvyi Rih.

No dia 29 de abril, cerca de 800 quilos de donativos foram entregues ao Sindicato Independente dos Metalúrgicos e Mineiros da cidade de Kryvyi Rih. O local está há aproxima-

madamente 30 km da zona de conflito. A iniciativa contou com o apoio logístico da organização Sotsyalnyi Rukh e foi considerada um sucesso.



VIVA A LUTA INTERNACIONALISTA!

Após a entrega dos mantimentos, o comboio participou do 1º de Maio simbólico na cidade de Lviv, ainda na Ucrânia. “Foi momento importantíssimo para a história da nossa central e para a história da rede sindical Internacional, porque a gente participou de um 1º de Maio em uma região de conflito”, relatou Herbet.

No Dia Internacional dos Trabalhadores, houve relatos de ativistas de diferentes cidades ucranianas, conforme contou Hebert: “O que eles relataram para a gente é que a resistência é composta majoritariamente pelos trabalhadores. Aquilo que Putin fala de que a Ucrânia é nazista é uma piada dentro da Ucrânia. É mais

uma fake news do Putin, parecida com as fake news que Trump criou nos Estados Unidos para tentar justificar a guerra”.

O 1º de Maio teve, ainda, a denúncia dos sindicalistas ucranianos de que o governo Zelensky tem aplicado medidas anti-trabalhistas dentro do país em guerra, como a recente reforma trabalhista que retira direitos. De acordo com o membro da SEN da CSP-Conlutas, as organizações sindicais de lá estão numa forte campanha pelo fim do pagamento da dívida externa da Ucrânia, como a central sindical vem defendendo no Brasil.

“Foi muito bom vê-los pessoalmente e conhecê-los e saber um pou-



co da história deles. Continuamos em contato. Nós teremos outras reuniões com eles para discutir a campanha de solidariedade. A CSP-Conlutas referendou, em sua reunião nacional, a campanha de solidariedade à resistência ucraniana”, concluiu Herbet Claros.

As doações para o “Fundo de Ajuda Operária à Ucrânia” podem ser feitas via PIX da CSP-Conlutas – fi-

nanceiro@cspconlutas.org.br ou via crowdfunding (vaquinha virtual) – abacashi.com/p/ajudaucrania

Doe e ajude trabalhadores e trabalhadoras que resistem à agressão russa!



Pela unificação das lutas!

É necessário apoiar e desenvolver cada greve para construir um dia unificado de lutas pelo país. A burocracia sindical da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), Central Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGT), Força Sindical e União Geral dos Trabalhadores (UGT) não ajuda, pelo contrário, atrapalha a unificação das lutas.

As direções majoritárias da classe trabalhadora, ao atrelar as lutas ao calendário eleitoral e impedindo sua unificação

para derrubar Bolsonaro, Mourão e Guedes, privilegiam, na prática, a “boa relação” com a patronal. As eleições passam, os ataques seguem.

É preciso lutar e conquistar um programa alternativo para classe trabalhadora, que garanta salário, saúde, moradia e emprego, e que aponte para a superação dessa sociedade capitalista que tanto explora e oprime os trabalhadores, especialmente as mulheres, negras e negros e LGBTQIA+, e pela construção de uma sociedade socialista.

